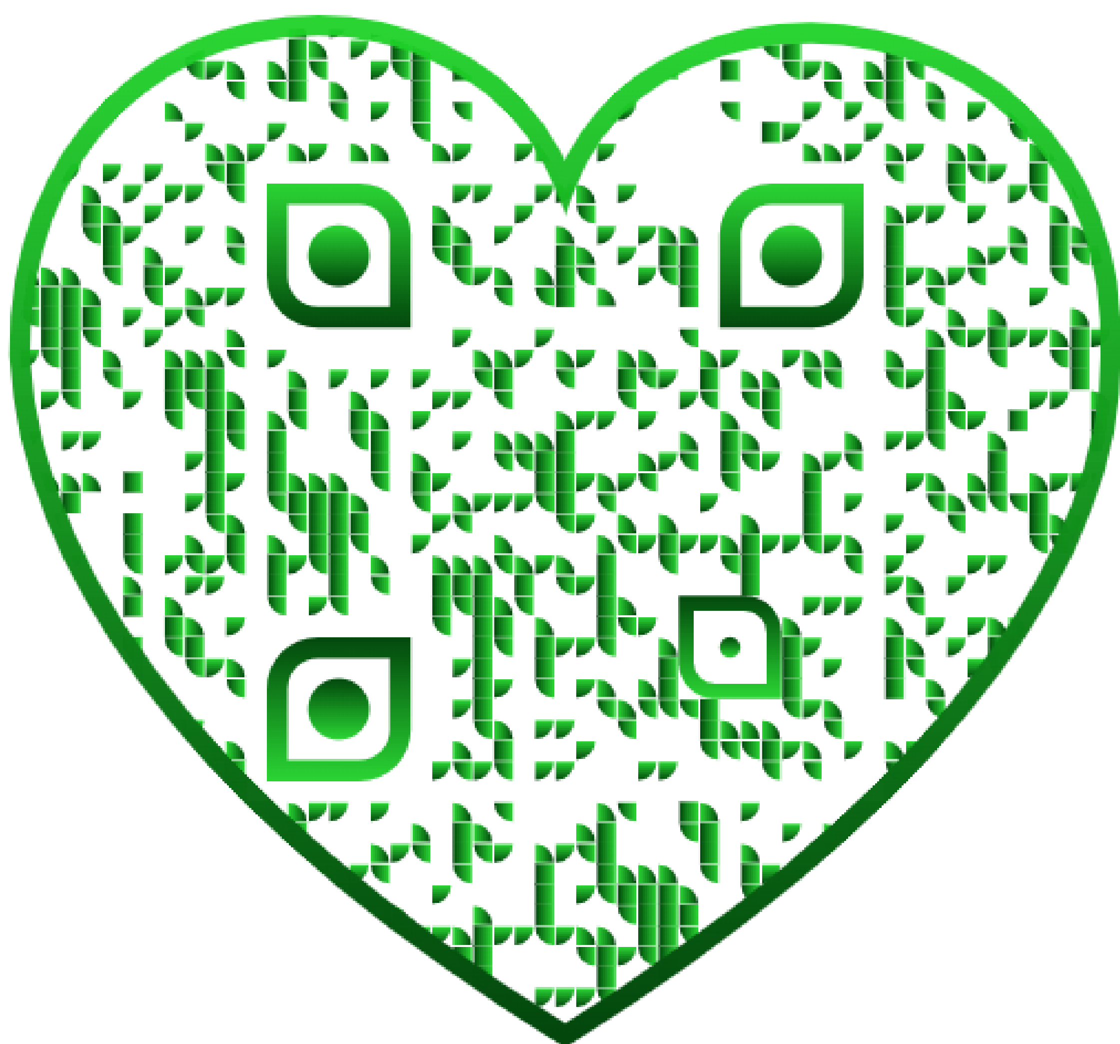
ADRIANA VARGAS

ALMAS PENADAS



EPISÓDIO DE
LILITH, MEU AMOR DE ESCURIDÃO
VOLUME I



ALMAS PENADAS

Adriana Vargas

Coletânea de contos da obra Lilith, meu amor da escuridão vol. 1

Compraram a casa no meado dos 1720, época em que se deu o casamento mais esperado de todo o pequeno povoado de Piraputanga. O casal, Janete e Willy Stuart viveram na maior casa do povoado até o final de suas vidas, passando a casa como herança, de geração para geração, que preservara o patrimônio como algo valioso, pois a pedido do chefe de família em seu leito de morte, era ouvido sempre por todos, exatamente há seis gerações passadas. Até que chegou a vez de Antônio, pai de Assis, o pedido derradeiro:

– Casa-se e preserve a herança de toda nossa família. – falando isso, homem fechara os olhos pela última vez, no quarto que já pertencera a seis casais da mesma família. Assim seria o próximo a ocupar o cômodo, assim que se casasse, passando também a mensagem aos seus filhos, sobre o bem sentimental que tinha a residência centenária.

Talvez seja coincidência do destino, as o número sete que classificava a próxima família que chegaria àquela mansão, que embora rústica e bela pela arquitetura centenária, não traziam bons pressentimentos. A pintura já gasta pelos anos, os móveis antigos que rangiam durante a noite, era algo inevitável de causar insônia e medo durante as madrugadas. Os vizinhos não gostavam muito de passar pela calçada durante à noite, segundo a lenda popular do povoado, muitos já ouviram assovios, gemidos e vozes vindas da direção da casa durante as madrugadas. Até mesmo já se ouviu dizer, que vultos foram avistados circulando a mansão mal assombrada. Não era do agrado de Assis trazer para morar ali, Clemente, sua futura esposa, com quem sonhava em ter vários filhos e fazê-la feliz por toda a sua vida.

Os anos se passaram e com eles veio o casamento, os primeiros filhos e o costume de morar com sua família na mesma casa que moraram seus antepassados. Clemente jamais se aborrecera pelo fato da pequena população do povoado, caçoar de seu lar. Procurava aceitar a vida que lhe era oferecida, cuidando sempre dos filhos e das tarefas domésticas.

A família Stuart era praticamente composta de pessoas normais, se não fosse a astúcia do filho mais velho do casal de quatro filhos, por comunicações com os mortos através do Tabuleiro Ouija. Srª Clemente, mãe de Amidail era extremamente religiosa. Jamais faltava a primeira missa de todas as manhãs. O pai do jovem tinha a personalidade recatada e de fino tratamento com todos, ambos educaram os filhos com o cuidado de prepará-los para a vida futura, e não entendiam o comportamento apático do filho mais velho, que não aceitava se entrosar com o restante da família, passando a maioria do tempo em seu quarto. Cogitavam a ideia que poderia ser uma fase apenas, logo o filho estaria entrando para o serviço militar, e as coisas poderiam ser modificadas.

Amidail era um menino muito introvertido, de poucos amigos, e quase não conversava nem com os próprios familiares. Trancava-se em seu quarto todas as sextas-feiras e dava início às sessões, mas nunca acontecera algum fenômeno esperado. Ele se frustrava, à medida que tentava mais

e mais.

Na escola todos olhavam para ele com nariz torto, pois suas roupas eram muito estranhas; usava sempre um sobretudo preto, mesmo no calor torrencial. Saia com a vestimenta escondida em sua mochila, e somente a colocava quando estava a uma quadra da escola. Não queria que seus pais vissem e tentasse impedir seu estilo de vida.

Dado o sinal do término da aula, Amidail pegava seus materiais em silêncio e andava pelos corredores de cabeça baixa, sob os olhares curiosos, que sempre tinham algo para dizer uns aos outros sobre o jeito dele andar, a roupa que usava, ou a respeito de qualquer que fosse a qualificação dada a ele. Ouvia os risinhos, e em algumas vezes, os adjetivos e apelidos que serviam de chacota. Sentia-se ser tocado por bolas feitas de papel, que eram arremessadas contra seu corpo.

− Vamos, jogue nele! Maldito vampiro! – gritava um dos quatro meninos que o humilhava no pátio da escola.

Logo os outros garotos também se aproximaram, e com várias bolas de papel que forravam pedregulhos, acertavam em Amidail, que com temor de ser ferido, protegia-se com as mãos. Cansados de humilhá-los, os meninos pegavam seus materiais e iam para suas casas, contentes.

Amidail chegou à sua casa, ofegante e um pouco ferido. Passou por todos que estavam sentados à mesa para o almoço. Ignorou-os. Trancou-se no quarto e escondeu o sobretudo. Pegou os novos desenhos e os postou na parede. Muitos eram a respeito do Bullying que sofria. Nos desenhos podia se vingar de um por um dos meninos que o feria dia a dia.

− Eu vou pegar vocês! – dizia ele com uma lágrima grossa escorrendo pelo rosto. O amigo que sempre o ajudara, havia parado de estudar desde que o pai adoecera. Sentia falta de Zephyr, não só porque era gótico, mas pela amizade sincera que haviam feito.

Pensava em terminar seu altar que fazia para reverenciar as almas perdidas todas as noites. Antes mesmo de se sentar para trabalhar nele, batidas na porta o fez deixar o altar inacabado escondido de volta, dentro de seu armário.

— Amidail, venha sentar-se à mesa. – ouviu a voz de sua mãe.

Pensou em não responder, pois queria ele mesmo escolher o momento de se alimentar, mas não tinha o hábito de desrespeitar os pais. Apesar de muitas vezes sentir vontade de dar algum palavrão como resposta, engolia à seco seu sentimento e sempre consentia com o desejo deles.

— Já estou indo. – respondeu.

— Não demore, por favor, estamos o aguardando. – disse a mãe em tom sereno, porém, assertivo.

Minutos depois, ele saiu do quarto e sentou à mesa entre seus irmãos, que o olhavam em silêncio enquanto ele servia seu prato. Ouvia a oração feita pela mãe agradecendo o alimento do dia,

mas fingia que participava, mantendo-se de olhos abertos, olhando para algum ponto na mesa. Assim que sua mãe terminou a oração, ele se levantou e foi até a geladeira, cortando um pedaço de carne crua, e colocando em seu prato. Ao se sentar, todos o olharam com expressão assustada e de reprovação.

— O que pretende fazer? – perguntou seu pai, em discordância.

— Almoçar. – respondeu Amidail em curtas palavras.

— Escute aqui, Sr. Amidail Stuart, não criamos filhos canibais, e não aceitaremos este tipo de comportamento em nossa casa, muito menos a nossa mesa. Retire já, esta carne de seu prato, e se sirva como pessoa normal. – disse seu pai.

— Eu... – ia se defender, mas achou melhor não discutir. Olhou para os olhos do pai, com o olhar úmido e se levantou, fazendo exatamente como ele pedira.

Na volta da cozinha, passou pela mesa, sem dar importância por sua espera. Caminhou diretamente ao quarto, ouvindo sua mãe o chamando de volta. Fechou a porta e foi até seu aparelho de som, colocando uma música do Tristania. Pôs um fone de ouvido e ignorou as batidas na porta, aumentando ainda mais o volume da música que retumbava em seus tímpanos.

Os pais estavam preocupados. Não sabiam como agir. Jamais precisaram tomar alguma medida mais drástica com os filhos. Amidail não era um mau menino, apenas encontrava-se em estado de rebeldia, negando-se a participar dos bons costumes familiares. A esperança era de que esta fase fosse passageira, pois não saberiam como conviver muito tempo com esta situação.

Os dias se passaram e Amidail estava cada vez mais fechado. O silêncio absoluto passou a incomodar seus pais que buscaram ajuda com o padre e psicólogo, porém, ele se recusava veemente em se tratar. Já não se importava mais em respeitar a vontade dos pais, e não ia à escola.

Passou a sentir cada vez mais a presença de almas em seu quarto, enquanto manuseava o pequeno altar. Escutava seus clamores em finos e atormentados gemidos, sentindo que estava quase no momento de se comunicarem diretamente. Isso o enchia de contentamento. Na verdade, era a única coisa real que justificava sua estadia na vida. Para ele, nada mais tinha valor, e havia perdido o apreço em continuar vivo há muito tempo. Era jovem demais, mas sua juventude não lhe servia mais para nada. Nem mesmo os pequenos cortes no corpo que fazia com o canivete, aliviava a dor de viver. Encontrava-se em profunda depressão e melancolia. As almas o entendiam. Ele não tinha medo da morte. Elas ainda não haviam se comunicado, mas dentro dele, podia sentir que a morte era a saída mais bela e serena, mas todas as dores do mundo. Sabia que esta mensagem vinha delas, e por isso, acreditava.

Colocou o altar pintado de preto, no canto de seu quarto, juntamente com alguns castiçais de velas e alguns desenhos macabros na parede acima do altar. Ajoelhou-se e pediu a comunicação.

— Venham, almas malditas, perdidas no universo. Estou aqui para acolhê-las e servi-las! Venham com seus tormentos e sentimentos desconsolados. Uniremos nossas forças e descobriremos os mistérios existentes entre a vida e a morte.

Nenhuma resposta foi dada. Então ele fechava novamente os olhos e tentava uma nova comunicação. Frustrado, sentou-se em sua cama e agoniava-se num fracasso solitário.

A casa já não era a mesma desde que o filho mudara radicalmente seu comportamento, atingindo a todos, trazendo insegurança aos pais, que já não sabiam mais o que fazer para tirar o jovem do quarto e descobrir o que tanto o prendia lá. Certa noite, após o jantar, e novamente com olhos preocupados, Srª Clemente, retirou à mesa. Mais um dia Amidail não se alimentou. Mais uma noite, ela rolaria na cama, olhando para o teto, pensando em alguma solução, enquanto Assis fingia dormir, comungando da mesma ansiedade, porém em silêncio, sem querer preocupar a mulher.

Antes de apagar o abajur, Clemente se levantou e foi pé por pé, andando pelo corredor até o quarto do filho, encostando a cabeça na porta, ouviu zunidos. Fechou os olhos na intenção de ouvir melhor, mas não conseguia definir o barulho, apenas sabia que era incomum. Ouviu as cortinas da sala se mexerem nos trilhos, e tratou de sair dali, e ver quem ainda estava acordado, perambulando pela casa. Chegou à sala com intenção de chamar a atenção de um dos filhos mais novos, mas não havia ninguém, apenas o vento entrava pela janela que fora esquecida aberta, o que jamais acontecia, pois todos tinham o mesmo cuidado com a casa, era a regra número um da família.

Ao se deitar, escutou outro ruído na sala, mas preferiu não se levantar, temendo acordar o marido, que precisava se levantar cedo. Certamente era Amidail, que saiu do quarto para comer. Menos mal, pensou. Talvez ele estivesse apenas fazendo um jogo duro, coisa de adolescente, tentando impressionar os pais, ou castiga-los pela forma dura como tem sido tratado. Acreditando nisso, procurou dormir e não mais se preocupar por aquele dia. Se ele se levantou para comer, sinal de que estava tudo bem.

Ao amanhecer, Srª Clemente tratou rapidamente de sair da cama e ir conferir se o filho realmente havia comido. Quando chegou à cozinha se assustou com a expressão do marido, olhando toda a bagunça que havia ali.

— O que significa isso Clemente? – disse ele, sem paciência, com uma voz explosiva.

Não queria que o marido se zangasse ainda mais com Amidail, e por isso, preferiu não responder e tratou, rapidamente, de começar a limpeza na cozinha, retirando as sobras de comida que

estavam no chão, fechando a geladeira aberta. Mas havia muito mais do que uma simples bagunça... Ela percebeu algumas gotas de sangue caídas no chão, e seu coração acelerava. Tentou de tudo para que o marido não notasse o ocorrido. Poderia ser apenas um líquido vermelho, tentava acalmar sua mente em silêncio.

— Pode deixar, eu providencio a limpeza. Vá para seu trabalho, você está quase em sua hora.

— Desta vez ele foi longe demais!

Ela ouviu o eco de sua voz e a ira incontida. Não deu tempo de dizer sequer uma palavra, viu o marido indo na direção do quarto de Amidail, e batendo na porta com ferocidade.

— Abra esta porta agora! – ele batia forte, com voz de poucos amigos.

Nenhum som era ouvido como resposta.

Srª Clemente chegou, e tentou impedir o marido de fazer o que ele tinha intenção, porém, fora lançada longe, sentindo suas costas baterem na parede do corredor, e viu seus filhos descerem a escada, assustados, com a pequena Amélia, sua caçula, chorando.

— Assis, por favor, nossos filhos estão assustados! – ela tentava advertir o marido, pegando Amélia em seu colo, confortando-a em seus braços, e saindo do local, levando-os para não assistirem a cena que ela não gostaria jamais que acontecesse em sua casa.

Assis, irritando-se cada vez mais, não se conteve e passou a arrombar a porta, que depois do quarto ou quinto estrondo com seu pé na fechadura, se abriu, revelando um cenário assustador.

Amidail estava caído no chão, com os pulsos cortados e o sangue minando pelo quarto. As paredes estavam sujas de sangue e uma música satânica tocava em volume baixo. Viu o altar feito pelo filho, e as velas acesas. Aproximou-se do corpo caído e olhou seus pulsos. O coração ainda batia, os olhos deixavam à mostra o globo branco, e a pele estava totalmente fria e pálida. Chamaram a ambulância, e Amidail fora levado às pressas para o hospital. Com sorte, sua vida fora resgatada, mas o medo ainda rondava a família.

No hospital, após a volta à consciência, nenhum som foi ouvido dos lábios do enfermo. Estava debilitado, pálido e a tristeza profunda era retratada em seu olhar que pairava pelo ar, olhando o nada, estaticamente.

Após a volta do filho para a casa, o casal tentava manter a paz, mas estava evidente que algo de muito ruim acontecia na mente de seu filho e eles não conseguiam chegar até lá. Amidail continuava trancado no quarto, embora seus pais tivessem achado os objetos que o filho fazia as reverências durante o oculto secreto, retirando-os do quarto, ele se mantinha preso, ouvindo músicas e desenhando as mesmas imagens sombrias e vingativas. Em uma das vezes que trazia algo para ele comer, a mãe não bateu na porta e entrou com o prato nas mãos, vendo uma cena que a chocara,

Amidail conversava com algo no espelho. Ela não via o que ele via, mas percebeu os olhos de seu filho virados para cima, e os cabelos totalmente arrepiados. Com medo, colocou a mão na boca, e sua presença parecia não intimidar Amidail.

— Filho! – ela conseguiu dizer.

Amidail se voltou para ela, e a voz não era a dele.

— Cala-se mulher! Irei matar a todos vocês!

Novamente um suspiro, e sem saber o que fazer, fechou-se dentro do quarto, com medo de que mais alguém presenciasse aquela cena, e passou a orar em voz baixa.

Ouviu a risada medonha, e mesmo assim, continuou a orar, ajoelhando-se no chão, implorando a Deus por proteção.

— Seu deus não poderá ajudá-la! Em pouco tempo estará tudo acabado.

Em seguida, houve o silêncio, apenas seus murmúrios poderiam ser ouvidos, clamando em oração. Escutou o peso do corpo do filho sendo jogado no chão, e abriu os olhos, correndo até Amidail, tentando acordá-lo, batendo levemente em seu rosto.

Assim que o filho acordou, calado, colocou-o na cama e buscou apressadamente um copo d'água, tentando guardar segredo sobre aquele acontecimento.

No dia seguinte, algo estranho passou a acontecer. Os pequenos objetos que precisava utilizar no dia a dia durante os serviços domésticos da casa, desapareceram. Surpresa, ela passou a encontra-los em lugares pouco prováveis, como se alguma criança estivesse brincando com ela, tentando deixá-la nervosa e confusa. Com paciência e fé, ela pegou os objetos e os guardou no lugar certo. Aquele seria o primeiro dia de trabalho de sua nova secretária do lar. Ela não queria se demonstrar insegura ou com problemas para a jovem que chegara a pouco tempo, trazendo no rosto um sorriso tranquilo, disposta a cumprir suas tarefas da melhor forma. Mal sabia o caos que estavam passando, tudo que era solicitado pela nova patroa, atendia com prestatividade. Marisol era seu nome. Assim como a maioria das moças de Piraputanga, tinha a pele morena, herdando os traços indígenas dos povoados de Aquidauana. O cabelo negro, muito longo, batia em seu quadril, e na maioria do tempo estavam presos num coque. Seria uma bela morena de cintura muito fina e escultural, se fosse mais bem cuidada. Porém não tivera esta sorte na vida, desde aos dez anos de idade trabalhava em cada de família para ajudar sua mãe na viuvez em que criava seis crianças pequenas.

Marisol tinha seu quarto na dependência de empregada, um quarto muito pequeno, porém acolhedor. Era uma moça educada e de coração muito bom. Ainda não conhecia o filho mais velho da Srª Clemente, apesar de ter visto o rosto da patroa, por muitas vezes, preocupado, ao sair do quarto

de Amidail. Tinha dele a ideia de um filhinho de papai, mimado e talvez, estudioso, por não sair do quarto.

Curiosa, ela esperou que todos se acomodassem em seus aposentos após o almoço, e foi até a porta do quarto. Olhou para os dois lados, e abaixou-se até a fechadura, tentando descobrir o segredo que havia guardado ali, uma vez que nunca viu o rosto do jovem. Ao olhar pela fechadura, viu Amidail sentado na cama, e ao seu lado, a imagem de uma pessoa com a aparência estranha, uma mulher que usava um manto que cobria a metade de seu rosto, e trazia nas mãos, uma cruz na cor preta.

Assustada, Marisol pôs a mão nos lábios e deixou escapar um pequeno gemido. Saiu dali às pressas, ouvindo passos descendo a escada. Tentou achar alguma ocupação na cozinha enquanto ouvia sua patroa chegar até lá. Sem saber como contar a ela o que viu, assolada pela curiosidade em saber quem era tal pessoa no quarto de Amidail, ficou tentando achar as palavras certas que não saiam, nem alguma ideia que pudesse utilizar para iniciar o assunto.

— Sirva, por favor, o prato de Amidail, que irei levá-lo. – pediu a mãe.

— Sim senhora. A senhora quer que eu o leve? – perguntou afoita.

— Não. Aliás, Marisol, jamais chegue perto daquele quarto. – pediu a mãe, com medo de que a menina descobrisse algo.

— Sim senhora. – respondeu ela, ainda mais curiosa.

A noite chegara e o clima da casa parecia ainda mais pesado do que o de costume. Todos se recolheram mais cedo, e a escuridão tomava conta aos poucos do ambiente.

Marisol se remexia na cama, inquieta, sentindo que algo muito estranho acontecia naquela casa. Pensou em pegar suas coisas e fugir, sem dizer nada, pois percebia algo ruim norteando a família. Sentou-se na cama e ouviu o primeiro estrondo, em seguida, gritos vindos da parte superior da casa. Correu até a porta e abriu, andando à busca de respostas. Tudo estava quieto como se nada tivesse acontecido. Olhou para o quarto de Amidail, o único que ficava no andar de baixo da casa, e a porta estava fechada, aparentando a luz apagada. Tudo no absoluto silêncio. Resolveu voltar para sua cama. Ao colocar a cabeça no travesseiro ouviu zumbidos, vozes abafadas. Minutos depois, algo lhe puxou a coberta e jogou longe o travesseiro. Com medo, encolheu-se debaixo do cobertor, cobrindo a cabeça. Em instantes, sua coberta fora puxada novamente. Assustada, sentou-se na cama, com a cabeça posta entre as pernas dobradas. Seu coração estava acelerado, não conseguia gritar, pois algo apertava seu pescoço, sufocando sua voz. Minutos depois, sentiu algo puxando suas pernas, e seu corpo sendo levado, arremessado contra a parede. Então, conseguiu gritar, mas não ouvia sua voz...

Quando tudo parou, levantou-se do chão em pranto abafado, e foi até a tomada da luz. Iria

arrumar suas coisas e sair dali o quanto antes, porém, ao abrir o armário para retirar suas coisas, a porta do aposento se escancara, e a imagem pálida de Amidail surge, causando em Marisol um impacto jamais sentido. A presença dele era algo hipnotizante e desesperador. Seus olhos pretos a fitavam. Ele fechou a porta por detrás de suas costas, e voltou a fitá-la. Em silêncio se aproximou de Marisol e disse baixo em seu ouvido:

— Não vá... Preciso de você...

Sem saber o que aquelas palavras significavam. Seu corpo jovem estremeceu ao sentir o hálito quente de Amidail em contato com sua pele. Jamais antes fora tocada. Nunca namorou ou, sequer, paquerou. A vida dura que levava não lhe sobrava tempo para imaginar coisas deste tipo. – Estou aqui para protegê-la. – disse ele colocando uma das mãos no rosto da menina que tremia. – Nada de mal irá acontece-la. Prometo.

— O que está acontecendo aqui? Quem era aquela mulher que estava em seu quarto? Quem fez isso comigo?

Ele a olhou profundamente e a pegou nos braços, levando-a para a cama, como se ela não conseguisse mover um só músculo.

— Estou aqui para protegê-la! Nada irá lhe acontecer. Fique comigo... Desejo-a mais do que tudo nessa vida.

A voz de Amidail, deixava-a tranquila, apesar de que o medo ainda rondava seu quarto, e sem entender o que estava acontecendo, ela não conseguia resistir à tamanha força que a dominava.

— Estou aqui, durma... Irei protegê-la... – disse Amidail, colocando a cabeça de Marisol em seu peito, ninando-a. – Durma, criança. – as mãos dele deslizavam pelo corpo escultural, de forma macia. Tocou nos seios dela, carinhosamente, em seguida, beijou-lhe a testa. Com o passar dos minutos, e ainda sentindo a última lágrima escorrer pelo seu rosto moreno, ela adormeceu, mesmo sem entender o que estava acontecendo. Era a primeira vez que alguém a fez sentir algo assim.

O dia clareou rapidamente. Marisol se levantou e foi para a cozinha. Hoje conversaria com a Srª Clemente, e inventaria uma desculpa qualquer para ir embora, apesar de todos os acontecimentos de ontem, algo a atraia quando pensava em Amidail, embora tivesse um jeito estranho, fora carinhoso ao tratá-la. Ninguém jamais havia lhe tratado da mesma forma, e ela gostaria de poder ajudá-lo, saber mais sobre ele, porém, não poderia mais permanecer naquela casa. Tinha medo dos tormentos da noite anterior voltarem a acontecer e estava disposta a sair assim que terminasse o serviço do dia.

Limpou toda a casa e preparava-se para fazer o almoço. Os pensamentos fluíam entre ir embora e a forma carinhosa que as mãos de Amidail tocaram seu corpo na noite passada. Em segredo, suspirava, fechando os olhos, sentindo que estava se apaixonando sem querer, por alguém

que não conhecia, diante de situações muito estranhas para ela.

Clemente entrou na cozinha, pedindo-lhe algo:

— Marisol, por favor, vá até o mercado e me traga esta lista de compra. – pediu a patroa, passando a ela uma folha de papel com todas as anotações.

Marisol consentiu com a cabeça, e retirou seu avental. Ao se dirigir para a sala, tentando sair e atender ao pedido da patroa, viu Amidail saindo do quarto, olhando para ela de forma carinhosa. Seu coração bateu fortemente, e suas mãos suaram neste instante. Ele ficou parado na porta, em meio sorriso, e ela inerte no meio da sala, sem conseguir se mexer, apenas sentindo a força paralisante que a mantinha assim, fugindo de seu entendimento.

Ao ouvir vozes vindas da cozinha, Amidail entrou novamente para seu quarto, e Marisol conseguiu se mover até a porta da sala, indo buscar o que Clemente havia lhe pedido.

Andou pelas ruas como se não sentisse seus pés. O que estava acontecendo? Jamais vivera algo assim.

Ao voltar para a casa. Um vento bateu forte em seu rosto, levando seus cabelos, antes de entrar porta adentro. Tocou a maçaneta sentindo algo estranho. Um aperto no coração a tomou repentinamente.

Percebeu a casa em silêncio. Foi até a cozinha e guardou as compras que Clemente havia pedido para o almoço. Aguardou mais alguns instantes para começar seu serviço, porém, nada ouvia do interior da casa, e tudo parecia como se não tivesse ninguém ali. Eram dez horas da manhã. Pelo menos as crianças deveriam estar acordadas a esta hora fazendo algazarra. Andou em silêncio pelo hall que levaria às escadas. Passou pela porta do quarto de Amidail, e não ouviu nenhum ruído. Subiu a escada dirigindo-se a ala dos quartos, e tinha a intenção de descobrir o que estava acontecendo.

Abriu a porta do quarto da pequena Amélia e tomou um susto ao vê-la vestida com sua camisola infantil, deitada em sua cama com uma cruz preta de ponta cabeça, colocada entre suas mãos. Soltou um pequeno gemido, tremendo, aproximou-se da menina. Tocou seu pulso, estava morta. Desesperou-se!

Saiu do quarto correndo, buscando por ajuda, gritando pelo hall. Abriu as outras portas, e todos estavam como Amélia, deitados com uma cruz preta entre as mãos, sangrando pelo nariz.

Desesperada, desceu as escadas, chorando, não conseguindo ouvir a própria voz. Sem saber o que fazer, abriu o quarto de Amidail, na esperança de encontrá-lo vivo, porém, não havia ninguém no quarto. A cama estava arrumada, as velas acesas pelos cantos da casa. Uma música demoníaca passou a ecoar pelo ar...

Apressadamente, ela se dirigiu até seu quarto, iria pegar apenas sua bolsa e buscar por ajuda.

Abriu a porta do quarto em prantos, e se deparou com uma imagem ainda pior. O corpo de Amidail estava crucificado na parede. Usava uma coroa de espinhos como a de Jesus, e os pingos de sangue que saiam de suas mãos e pés, caiam em seu colchão. Gritou alto. Suas pernas não conseguiam se movimentar, mas ela insistiu, arrastando-se pelo chão até a porta da saída.

Pouco tempo depois, a polícia chegou. Nenhum corpo fora encontrado. O local fora interditado para a investigação, mas nada que conseguiram encontrar era sinal de vestígio. Tudo estava aparentemente normal.

Passaram dias em campana dentro da casa. Lá fora, a população estava curiosa querendo saber notícias sobre a família Stuart. Ninguém tinha resposta para o que havia acontecido. Eles desapareceram sem deixar pista alguma.

No final de mais um dia de investigação, dois policiais que estavam na casa, encontraram uma cruz preta. Pegaram-na com um plástico, colocando-a com cuidado dentro deste. Enfim, uma pista.

Ao chegarem à sala, ansiosos para levarem até a delegacia, o objeto encontrado, viram o inesperado...

Seis caixões de cor roxa jaziam na sala. A família estava sendo velada. Nas mãos, cruzes pretas de cabeça para baixo. Havia apenas uma única pessoa ali. Olharam curiosos e atormentados. Uma jovem com a metade do rosto coberto por um manto preto, velava os mortos.

Atordoados, eles se aproximaram e ela olhou para eles, seus olhos traziam uma dor profunda que esvaia pelo brilho morto da pupila. Nas mãos, um rosário preto, era segurado com força. Na face rolava uma lágrima de sangue que escorria lentamente.

— Marisol... – sussurrou um dos policiais.

Ao tentarem algum gesto, olharam para os pés dela, flutuavam.

Saíram dali correndo, confusos e logo se teve a notícia do suicídio de Marisol naquele mesmo dia.

Jamais ninguém soubera o que aconteceu. Somente eram ouvidos pelos vizinhos durante a madrugada, passos e gritos pela casa que agora era denominada – a casa das almas penadas. Apenas uma única pista fora encontrada durante toda a investigação, além da cruz preta, uma carta escrita com letras de sangue, com poucas palavras:

"Saiam todos daqui! Esta casa pertence a mim, e todos que entrarão aqui, morrerão com a paz negra e densa de meu manto a lhes velar por toda a eternidade. Com amor, Lilith, rindo num tom alto e desbravado que retumbava em todos os confins de Piraputanga."